Oposição de Jesus ao Templo: Aproximações e distanciamentos da concepção teológica da comunidade de Qumran

Roberto Rohregger.[1]

Resumo

O objetivo deste artigo é realizar um estudo inicial sobre a posição de Jesus com relação ao templo tendo como base a passagem relatada nos evangelhos conhecida como a purificação do templo e a possível ligação com a concepção teológica sobre o templo da comunidade de Qumran. Desta forma, na primeira parte deste artigo será apresentado um breve panorama relacionado a função religiosa, política e econômica do segundo templo para os judeus na época de Jesus, na sequência será tradado da comunidade dos Essênios a partir dos manuscritos de Qumran e sua interpretação do Templo em Jerusalém e por último a avaliação da crítica de Jesus com relação ao Templo, comparando com a posição teológica essênia da comunidade de Qumran sobre a função do Templo.

Palavras chave: Jesus, Templo, Qumran.

Abstract

The purpose of this article is to carry out an initial study on the position of Jesus in relation to the temple based on the passage reported in the gospels known as the purification of the temple and the possible connection with the theological conception about the temple of the Qumran community. Thus, in the first part of this article, a brief overview will be presented related to the religious, political and economic function of the second temple for the Jews at the time of Jesus, in the sequence it will be treated of the Essene community from the Qumran manuscripts and their interpretation of the Temple in Jerusalem and finally an assessment of Jesus' criticism of the Temple, comparing it with the Essene theological position of the Qumran community on the function of the Temple

Key words: Jesus, Temple, Qumran.

Introdução

Israel na época de Jesus é uma nação dominada por um governo estrangeiro, aliás, é de longa data que os judeus não tinham um governo autônomo. Desde o exílio

[111] MESTRE em Bioética pela PUCPR, pesquisando as implicações bioéticas da biotecnologia, possui ESPECIALIZAÇÃO em Psicoteologia e Bioética pela Faculdade Evangélica do Paraná - FEPAR e Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná – FTBP, e em Formação de Docentes para EAD pelo Centro Universitário UNINTER. GRADUAÇÃO em Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário UNINTER, Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná, Formação Pedagógica em História pelo Centro Universitário UNINTER.

babilônico não souberam mais o que era ser um país independente, o governo estrangeiro apenas mudava de mão, salvo por um curto espaço de tempo, na revolta dos Macabeus, Israel nuca mais voltou a ser uma nação livre. Depois da Babilônia, houve o domínio Persa, depois os Gregos, Ptolomeu/Selêucidas e por fim Roma.

E é no período sob o domínio romano que o cristianismo aparece e se desenvolve. Surge na Palestina, onde os Judeus viviam sob a regência local, por um lado, Herodes Antipas, um "Rei" fantoche colocado por Roma e por outro do governo direto da própria Roma, representado por Pôncio Pilatos. Obviamente a grande maioria da população judaica não se via representada por nenhuma das duas figuras, pois Herodes Antipas não tinha uma linhagem pura judaica. Desta forma o domínio romano apresentava dificuldades tanto na esfera política quanto na esfera econômica, principalmente para os pobres, isto é para a grande maioria da população judaica.

Além do domínio político romano, há toda a estrutura político-religiosa simbolizada pelo templo e pela organização sacerdotal, que convive com uma significativa diversidade de interpretações teológicas entra grupos religiosos formais, além de interpretações e crenças populares. É neste contexto que surge uma figura mística acrescentando uma nova perspectiva religiosa, João Batista com um discurso que traz curiosidade por parte dos demais grupos religiosos já estruturados por tornar-se bastante popular, apesar, e em decorrência, das excentricidades deste profeta.

> João foi uma das figuras "messiânicas" que invadiram a Palestina da época, entre outras, e que fazem parte do que se chamou de "movimentos pela renovação ou restauração de Israel". Ao pregar o perdão dos pecados fora da instituição cultual do templo em Jerusalém, cujos sacrifícios eram o sinal visível desse perdão, João Batista confrontou implicitamente as autoridades centrais do judaísmo. Lc 3,15 nos diz que pelo menos certas pessoas identificaram João Batista como o messias. As roupas de João e o local de sua pregação estavam carregados de simbolismo. O Batista pregou no "deserto" - o lugar onde o povo de Deus estava em trânsito para a terra prometida - na bacia oriental do rio Jordão. De lá, ele exortou à penitência e a se preparar para a vinda imediata do julgamento de Deus (o dia da visita de Yahweh) e provavelmente para seu reinado subsequente em Israel. O batismo de penitência e conversão à verdadeira observância da Lei de Moisés era o rito de passagem pelo qual os batizados entravam no Israel autêntico, na terra prometida, do outro lado do rio. Quando Jesus é batizado, ele assume as doutrinas de João e sua estrutura de pensamento. (PIÑERO, 2006, p. 168)

A figura de João Batista exerce uma influência muito significativa na interpretação teológica e no discurso dos fim dos tempos, alertando para a urgência de Israel de se preparar para o juízo divino. E é a partir de João Batista, que Jesus desenvolve o seu próprio ministério, inicialmente seguindo a linha do Batista e

posteriormente com uma doutrina e teologia particular, ou particularizada. Há neste caldeirão religioso um outro grupo, pouco conhecido e bastante controverso, que, após descobertas recentes de um farto material escrito, apresenta-se como uma nova peça neste cenário, lançando luz sobre a cultura e religião judaica, os essênios, mais particularmente, os essênios da comunidade de Qumran. Estas descobertas têm permitido entender melhor os movimentos religiosos palestinos, trazendo novas explicações sobre o desenvolvimento socio, político e religioso da palestina no tempo de Jesus, porém também lançando questionamentos e dúvidas sobre as influências teológicas que possa ter exercido no próprio cristianismo.

A centralidade do Templo para a vida Religiosa, Política e Econômica.

O templo constituía-se o centro de Israel em vários aspectos. O primeiro templo foi construído por Salomão e destruído em 587 a. C. por Nabudonosor. O intitulado segundo templo teve sua construção quando da volta do Exílio e inaugurado em 515 a. C, porém de forma muito mais simples que o de Salomão, cabendo a Herodes sua reedificação. (SAULNIER & ROLLAND, 2002, p. 37). As obras do templo sob orientação de Herodes iniciam-se no ano 20 a. C., e perduram até próximo do ano 62 d. C. Toda esta estrutura do templo se sustenta por meios das contribuições de judeus de todo o mundo da época. Todo os maiores de vinte anos, inclusive os que não moravam na região tinham que pagar o imposto anual para o templo, que era o equivalente a dois dias de trabalho. (MATEOS & CAMACHO, 1992, p. 21).

> "O dinheiro do imposto era depositado no templo, nas câmaras do tesouro. Para empregá-lo no culto, era retirado antes de cada uma das três grandes festas. O tesouro recebia, outrossim, a prata do resgate dos primogênitos e dos votos ou promessas, para os quais existia tarifa ou taxa precisa. Para a manutenção dos clérigos havia necessidade de pagar ao tesouro dez por cento dos frutos da terra (Mt 23,23). Além disso, o templo recebia donativos (Mc 7,11) e abundantes esmolas, sobretudo das pessoas ricas (Mc 12,41), e outros dons voluntários, que eram aceitos até quando provenientes de não judeus. (...) O tesouro do templo funcionava como banco. Nele se depositavam bens de particulares, principalmente da aristocracia de Jerusalém, em especial das altas famílias sacerdotais. Os fundos do templo, unidos a suas propriedades em terrenos e sítios, faziam dele a maior instituição bancária da época." (MATEOS & CAMACHO, 1992, pp. 21-22)

Fica claro a grande importância do templo, não apenas atrelado a sua finalidade religiosa, mas também econômica, por ser uma fonte enorme de recursos e de trabalho, para toda uma casta sacerdotal, como também da população em geral de Jerusalém, com a prestação de serviços e do próprio comércio local, além de ser um

símbolo de unificação nacional (ROITMAN, 2016, p. 65). Porém a palestina na época de Jesus era pobre, a concentração de renda ficava na mão de uma minoria, a classe média praticamente inexistente, excluindo aqueles que viviam em Jerusalém e que conseguiam subsistir com um pouco mais de recursos. Este quadro era obviamente agravado pelos tributos a serem recolhidos, para o governo local, para Roma e para o próprio templo.

> "Do ponto de vista socioeconômico, podem-se distinguir na população Palestina três camadas: a classe rica e poderosa, a classe média e os pobres". À classe rica e poderosa pertenciam os príncipes e os membros da família real de Herodes, assim como os altos dignitários da corte, além das famílias da aristocracia sacerdotal e leiga, dos latifundiários, dos grandes comerciantes e dos cobradores de impostos. A classe média, muito reduzida, existia praticamente só em Jerusalém, já que suas fontes de renda procediam do templo e dos peregrinos. Era formada pelos pequenos comerciantes, pelos artesãos proprietários de suas oficina, pelos donos das hospedarias e pelo baixo clero. À classe pobre, que constituía a imensa maioria da população, pertenciam os assalariados, tanto operários como camponeses, os pescadores, os inúmeros mendigos e, finalmente, os escravos." (MATEOS & CAMACHO, 1992, p. 19)

Compunha a tríade da elite administrativa/econômica a religiosa, que também era a responsável "jurídica/religiosa" da sociedade. Esta elite dividida por algumas interpretações teológicas particulares gravitava ao redor das sinagogas e do templo. Cabe salientar que a sinagoga era uma representação religiosa mais próxima do povo, servindo inclusive para o fortalecimento de vínculos sociais e de educação, o templo mais institucionalizado, distante, quase inacessível, formalíssimo e de estrutura rígida.

A rigorosa observância religiosa era quase inacessível ao povo que sucumbindo com a inadiável tarefa de sobreviver tinha grandes dificuldades cumprir todas as normas e rituais, e desta forma sobrevinha a somar o peso da miséria o da desobediência aos preceitos divinos.

> "O Templo era o centro da vida econômica e política, especialmente de Jerusalém e da Judeia. Sua tesouraria era a depositária não apenas dos fundos nacionais e do tempo, mas dos haveres dos ricos locais e internacionais. Os depositantes ricos estavam naturalmente preocupados com sua estabilidade. Eles eram os maiores empregadores na Judeia. Sob supervisão de Herodes, o Grande, e sob a direção dos romanos, os sumo sacerdotes continuaram exercendo seu papel político de liderança, como mediadores entre os romanos e a população em geral." (BORING, 2015, p. 152)

Embora os cambistas operassem legalmente dentro da área considerada semi-sagrada, cobravam taxas de câmbio exorbitantes. Os pobres que traziam pombos, em decorrência de não poderem trazer animais maiores para os sacrifícios (Lv 12.6;

14.22; 15.14,29) eram maltratados pelos cambistas ávidos por lucro. Também as autoridades religiosas recebiam uma porcentagem dos lucros. Entretanto a crítica com relação ao templo era antiga entre algumas correntes de pensamento judaico,

> "Nós podemos encontrar naturalmente traços de uma atitude crítica com relação a uma supervalorização do templo e dos sacrifícios dos profetas do Antigo Testamento. Os profetas já tendem a espiritualizar o culto do templo. Estevam mesmo cita Isaías 66.1: "O céu é meu trono, e a terra é estrado de meus pés: que templo podereis construir-me?" (CULLMANN, 2004, p. 38)

O Templo era a centralidade da religião judaica, porém a idéia de um monolito único de interpretação e textos sagrados é falsa, convivia-se com diversas posições religiosas, algumas mais influentes que outras, mas achar que todo povo tinha uma única compreensão das escrituras, e o que eram as escrituras é falso. Apesar de divergências e discussões sobre interpretações teológicas não havia entre os principais grupos religiosos um ataque aberto ao Templo, a não ser o grupo dos essênios, principalmente, pelo que se descobriu nos seus escritos, notadamente os da comunidade de Qumran.

Os Essênios e a comunidade de Qumran

Os assim denominados Essênios eram uma comunidade religiosa judaica que partilhavam de uma compreensão rigorosa dos textos sagrados e que de forma geral consideravam tanto a linha sacerdotal, quanto às práticas realizadas no Templo errôneas. Os essênios viviam em comunidades monásticas ao longo do Mar Morto e em algumas cidades da Judéia. Há algumas evidências de que havia uma comunidade de Essênios em Jerusalém, mas pouco sabe-se de suas práticas e se todas as suas compreensões religiosas estavam em consonância com os escritos encontrados em Qumran.

> "(...) No entanto, a pista mais notável da presença de um assentamento essênio em Jerusalém é uma passagem na qual Josefo não trata dos essênios, mas de um tema mais prosaico, os muros de Jerusalém. Quando descreve a parte sudoeste da cidade, ele incidentalmente menciona que o muro "se estendia pelo lugar chamado Bethso até o portão dos essênios" (J.W. 5.145)" (BOCCACCINI, 2010, p. 55)

Autores antigos, como Plínio, o Velho, Filo de Alexandria e Flávio Josefo, que viveram no século I, enfatizaram com sincera admiração o modo de vida único desse grupo: os essênios se sustentavam celibatários, compartilhavam seus bens e seu ideal de santidade por meio do ascetismo e de uma exigência muito meticulosa de

pureza. Até pouco tempo a melhor descrição que havia com relação aos Essênios e seu modo de vida era a descrição destes por Flávio Josefo, no livro decimo oitavo: Sobre as quatro seitas entre os judeus:

> "790. Entre os judeus, os que faziam profissão particular de sabedoria, estavam, há vários séculos, divididos em três seitas: os essênios, os saduceus e os fariseus(..). Os essênios, a terceira seita, atribuem e entregam todas as coisas, sem exceção, à providência de Deus. Creem que as almas são imortais, acham que se deve fazer todo o possível para praticar a justiça e se contentam em enviar suas ofertas ao templo, sem lá ir fazer os sacrifícios, porque eles o fazem em particular, com cerimônias ainda maiores. Seus costume são irreprováveis e sua única ocupação é cultivar a terra. Sua virtude é tão admirável que supera em muito a de todos os gregos e os de outras nações, porque fazem disso todo o seu empenho e preocupação, e a ela se aplicam continuamente. Possuem todos bens em comum, sem que os ricos tenham maior parte do que os pobres; seu número é de mais de quatro mil. Não tem nem mulheres, nem criados, porque estão persuadidos de que as mulheres não contribuem ao descanso da vida; quanto aos criados, é ofender a natureza, que fez todos os homens iguais, querer sujeita-los; assim eles se servem uns dos outros e escolhem homens de bem da ordem dos sacrificadores que recebem tudo o que eles recolhem do seu trabalho e têm o cuidado de dar alimento a todos. Essa maneira de viver é quase a mesma da dos que chamamos de *plistes* e vivem entre os dácios." (JOSEFO, 1990, p. 415/416)

Provavelmente sua origem remonta a época dos Macabeus, onde inicia-se sua oposição ao templo, por discordarem da ação e linha sacerdotal, em particular por um sacerdote identificado como "mau sacerdote", que possa vir a ser Jônatas ou Simão, irmão de Judas Macabeus. Os escritos encontrados em Qumran identificam o líder fundador apenas como "mestre da justiça", acreditavam tanto na soberania Divina quanto em predestinação, e se viam como um grupo de eleitos, os verdadeiros seguidores da Lei e que, na sua visão apocalíptica estavam destinados a lutar a batalha final entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, e que ao final desta batalha, na qual seriam auxiliados por anjos de Deus, instituiriam o verdadeiro Templo e culto a Deus. (BLOMBERG, 2009, p. 71)

Foi aproximadamente no final de 1946 que alguns beduínos encontraram em cavernas na costa noroeste do Mar Morto, a cerca de 40 km da cidade de Jerusalém, alguns manuscritos conservados em vasos de cerâmica, que veria a ser uma das maiores descobertas arqueológicas dos últimos tempos, e segundo Piñero.

> Por trás dos famosos pergaminhos do Mar Morto está provavelmente a seita judaica dos essênios, especialmente um ramo dela que se retirou da vida pública por não estar de acordo com certas normas legais, com o calendário de outros judeus ou com a forma como era o culto praticado no templo (2006, p. 58)

No primeiro lote de materiais encontrado em Qumran, constituía-se dos seguintes materiais:

- Pergaminho de Isaias (parcial) 1QIsab - Contendo apenas a seção da última parte do livro em sua versão tradicional (cap. 41 e 43 a 66). Um rolo com a versão completa do livro Isaias, ms A (1QIsaa), contendo os 66 capítulos. Esta versão é semelhante ao encontrada nas Bíblias na atualidade, mas não idêntica. Um rolo contendo os apócrifos de Gênesis, escrita em aramaico. Este rolo estava bastante danificado e em um estado muito frágil. Um comentário de Habacuque, obra completamente desconhecida antes desta descoberta, escrita em hebraico. As interpretações dos oráculos do profeta foram feitas de forma sectária, isto é do ponto de vista e interpretação da comunidade de Qumran. Um rolo denominado Regra da Comunidade, escrita em hebraico e que descreve o conjunto de regras sobre a economia, organização e espiritualidade da comunidade. Rolo Regra da Guerra, ou Rolo da Guerra. Descreve a guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas. Este documento descreve a estratégia e a organização da guerra que ocorreria nos tempos escatológicos. Esta é uma interpretação teológica do final dos tempos específica da comunidade. E o último documento, o Rolo de *Hodayot,* escrito em hebraico que contém hinos religiosos. Posteriormente com as pesquisas arqueológicas acabou-se descobrindo milhares de fragmentos em 11 cavernas nos redores de onde estava instalada a comunidade de Qumran. (MARTINEZ, 1993).

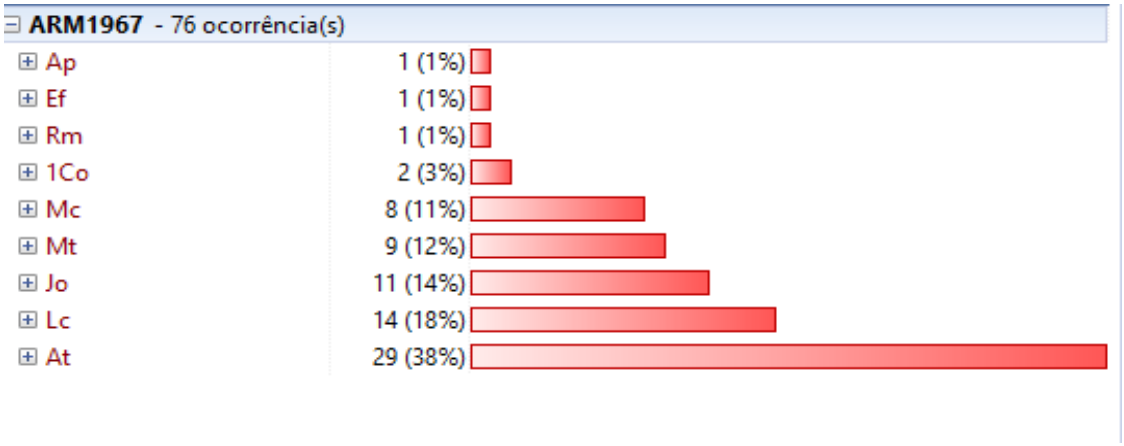
Mesmo falar dos Essênios como apenas um grupo coeso também parece difícil, pela falta de evidências e informações de outros assentamentos, porém com o conteúdo descoberto em Qumran já se pode ter uma panorama bastante revelador, tanto das práticas essências, quanto a sua teologia, que possibilitou ampliar de forma significativa a compreensão do ambiente religioso na época de Jesus e lança a possibilidade de influencias, ainda muito debatidas, relacionadas ao grupo que estava se formando naquele momento, os cristãos. Independente destas especulações é fato que as descobertas dos manuscritos do mar morto foram fundamentais para a compreensão da diversidade teológica do judaísmo

A crítica de Jesus ao Templo, teologia essênia/Qumranita?

Sendo a oposição ao Templo uma das fundamentações do movimento Essênio, compreende-se que é importante compreender a posição de Jesus com relação ao mesmo para avaliarmos se há indícios de influência do pensamento essênio ou Qumranita no movimento cristão primitivo. Para esta avaliação inicial será

apresentada uma prevê exegese com relação a purificação do templo, tendo como base Marcos 11 :15-19, e apoio dos textos paralelos nos demais Evangelhos.

A título introdutório é interessante avaliarmos a importância que o Templo tem nos escritos do Novo Testamento. Para isso foi realizada uma pesquisa identificando a quantidade de vezes que o termo "Templo" aparece nestes escritos, sintetizado no gráfico abaixo:



Percebe-se no levantamento acima que a figura do templo não apresenta centralidade nos Evangelhos, aparecendo mais em Atos que em qualquer outro livro, sendo praticamente irrelevante quando aparece em outros escritos do NT. Constituindo que em Mateus os textos não tratam da importância do Templo ou sua importância religiosa, e das vezes em que é citado a maioria trata do evento da purificação do templo por Jesus (Mt 21:12; Mt 21:14; Mt 21:15; Mt 21:23), outro mostrando a superioridade de Jesus ao templo (Mt 12:6) e outra relacionado a violação do sábado pelos sacerdotes no Templo (Mt 12:5). As demais citam o templo apenas na descrição do contexto. Em Marcos a maioria das citações é a passagem sobre a purificação do templo (Mc 11:11; Mc 11:15; Mc 11:16) as outras passagens são posteriores ao evento no templo e citam o templo apenas na descrição do contexto, excetuando Mc 14:49.

Em Lucas, três citações se referem a cena da purificação do Templo (Lc 19:45, Lc 19:47, Lc 20:1), outra sobre a profecia com relação ao templo (Lc 21:50), As demais são citações apenas de contexto. Em João os dois versículos onde aparece o termo templo está relacionada ao contexto da purificação (Jo 2:14, Jo 2:15). Podemos perceber que quando buscamos a posição de Jesus com relação ao templo, vinculando especificamente o termo Templo os versículos que aparecem com maior

significado são os relacionados à purificação do Templo. Não temos nenhuma informação significativa sobre críticas com relação ao sistema cultico ou relacionado à herança sacerdotal (ponto central da crítica de Qumran). É fato que a crítica de Jesus é muito mais dirigida ao sistema religioso, e principalmente a forma como a elite religiosa interpretava os textos do AT, e sendo a sua mensagem escatológica, não aparecia nos seus relatos um templo reestruturado pós juízo. Passamos agora para a avaliação do texto relacionado à purificação do Templo. A comparação entre o textos dos quatro evangelhos e a versão em grego da perícope de Marcos 11:15-19 pode ser encontrada nos anexos deste artigo.

Marcos 11: 15-19 – A purificação do Templo.

15 Chegaram, pois, a Jerusalém. E entrando ele no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam; e derribou as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos que vendiam pombas; 16 e não consentia que ninguém atravessasse o templo levando qualquer utensílio; 17 e ensinava, dizendo-lhes: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes feito covil de salteadores. 18 Ora, os principais sacerdotes e os escribas ouviram isto, e procuravam um modo de o matar; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava da sua doutrina. 19 Ao cair da tarde, saíam da cidade.[2]

Na perícope anterior do texto selecionado temos o relato da saída de Jesus de Betânia e na sequência a fala de Jesus sobre a figueira. Após isto o cenário muda e no versículo 15 o texto trata da chegada de Jesus a Jerusalém. E é nos versículos 15 ao 19 que o autor nos apresenta a cena, finalizando no versículo 19 onde é relatado a saída da cidade de Jesus e dos discípulos. No versículo 20 o relato se dá com relação à figueira já antes mencionada nos versículos 12 ao 14. Acima demonstramos que os versículos 15 ao 19 compõe uma perícope com sentido próprio e que pode ser analisado em separado sem prejuízo ao texto. Trataremos de forma periférica da perícope anterior e posterior apenas quando houver necessidade de elucidarmos uma eventual relação ou não ao texto da perícope em estudo.

A passagem do templo faz parte de um contexto maior que é efetivamente o encaminhamento para a prisão e crucificação de Jesus. Nota-se no Evangelho de Marcos que a partir do capítulo 11 todo o cenário se passa em Jerusalém e deste este capítulo há a intenção de apresentar Jesus como o Messias, e que está trazendo o Juízo para a Cidade Santa. Desde a entrada de Jesus na cidade há vários símbolos

[2] Texto ARM1967 – Almeida Revidada Melhores Textos - 1967

que apontam para a tomada da cidade pelo verdadeiro Rei, pelo Messias, por aquele que efetivamente fará o julgamento.

A partir dos versículos 32 do capítulo 11 já se apresentava uma espécie de anticlímax que deixa sob suspense o que se passará na cidade de Jerusalém. Os versículos finais do versículo 11 (27 -33) e a parábola do capítulo 12 tem nitidamente o objetivo de mostrar a autoridade de Jesus e seu ministério profético que parece bastante direcionado a Jerusalém[3].

Análise dos versículos

15 Chegaram, pois, a Jerusalém. E entrando ele no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam; e derribou as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos que vendiam pombas. 16 e não consentia que ninguém atravessasse o templo levando qualquer utensílio

15 και ερχονται εις ιεροσολυμα και εισελθων ο ιησους εις το ιερον ηρξατο εκβαλλειν τους πωλουντας και αγοραζοντας εν τω ιερω και τας τραπεζας των κολλυβιστων και τας καθεδρας των πωλουντων τας περιστερας κατεστρεψε 16 και ουκ ηφιεν ινα τις διενεγκη σκευος δια του ιερου[4]

Entende-se a entrada de Jesus no Templo, no local onde se denominava o átrio dos gentios, a única pare do Templo em que os gentios podiam adorar a Deus e reunir-se para a oração. O comercio que existia neste local (vendiam e compravam) em decorrência dos peregrinos que vinha à Festa da Páscoa e precisavam de animais que satisfizessem as exigências rituais para o sacrifício, e os vendedores montavam seus abrigos de animais e suas mesas de dinheiro no átrio dos gentios. As mesas dos cambistas. Os peregrinos precisavam trocar seu dinheiro pela moeda local, a única válida para o imposto anula do templo. As pombas eram preceituadas para a purificação das mulheres (Lv 12:6; Lc 2.22-24) e de quem tivesse determinadas

[3] Os evangelhos sinóticos seguem nessa passagem uma ordem diferente que se pode explicar pela evolução literária da tradição. Por um lado, a entrada em Jerusalém e a explosão dos comerciantes do Templo que, que Mt e Lc inserem no mesmo dia, são separadas por Mc, cada uma num dia, e o episódio da figueira amaldiçoada é intercalado entre eles. Por outro lado, a figueira ressequida (e sua maldição em M) é inserida por Mc entre a expulsão dos vendedores do Templo e o debate sobre a autoridade de Jesus, duas perícope que deviam originalmente suceder-se sem interrupção (cf. Jo 2,14-22). Essas divergências se explicam se o episódio da figueira tiver sido introduzido posteriormente num esquema primitivo (note-se que não é mencionado em Lc). Isso ter-se-ia dado em duas fases: primeiramente, a maldição; depois a ressecação, acréscimo posterior que pretendeu tirar da maldição que se cumpria um ensinamento sobre a eficácia da oração que se faz com fé. Só em Mc esse ensinamento levou a outro por associação verbal: um *logion* sobre o perdão das ofenças que Mt utiliza por ocasião do pai-nosso(Mt. 6,14) (Bíblia de Jerusalém , 2002)

[4] Texto em grego de acordo com *The Editio Regia, Stephanus 1550 Greek New Testament, known as Textus Receptus*

doenças de pele (Lv 14.22), além de ser usada com outros fins (Lv 15.14,29). Havia, também, as ofertas usuais para os pobres (Lv 5.7)

A palavra-chave aqui é εκβαλλω *(ekballo)*, que tem o sentido de expulsar, expelir, mandar sair, e que pode também ser entendido como uma ação violenta. Assim o texto deixa entender que a ação de Jesus foi uma ação de fato, que não se restringe ao mero discurso, mas sim de um ato exercido por meio de força física ou de outro meio que intimidasse aos que estavam presentes, o que o texto na sequência não deixa dúvidas pela descrição da derribada das mesas e cadeiras onde eram efetuados os negócios.

A questão é, o que levou a Jesus agir desta maneira? Primeiro, fato é que o comercio destes animais e do câmbio era uma tradição já há muito posta no templo, e de certa forma aceita, apesar de não por todos de forma geral. Segundo que, em tese o comercio estava sendo realizado no átrio dos gentios, de certa maneira em um lugar do templo que não era, pelo menos, tão sagrado.

Podemos compreender que o comércio no Templo, talvez, fosse a expressão mais visível dos problemas que Jesus via no sistema religioso de Israel, e o templo como sua expressão máxima o local onde este sistema se materializava.

Ao que parece, Jesus faz uma espécie de avaliação da função do templo e sua deturpação no versículo 17,

17 e ensinava, dizendo-lhes: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes feito covil de salteadores.

17 και εδιδασκε λεγων αυτοις ου γεγραπται οτι ο οικος μου οικος προσευχης κληθησεται πασι τοις εθνεσιν; υμεις δε εποιησατε αυτον σπηλαιον ληστων

O Termo διδασκω ***didasko*** , ensinar, pode ser compreendido como uma fala com a intensão de instrução, de pronunciar discursos didáticos. Neste discurso encontramos o elemento crítico que Jesus faz á administração do templo, sua função estava sendo deturpada. Não encontramos nesta fala uma crítica ao Templo em si, ou contra a sua existência. Jesus não estava se opondo ao templo e sim a como os Sacerdotes e o sistema religioso estava usando o templo, isto pode ser resumido pelo termo usado ληστης **(*lestes*),** que se pode traduzir por ladrão, saqueador, bandido. Porém mais do que o dinheiro, os responsáveis pelo templo estavam assaltando a fé das pessoas. Este discurso de Jesus tem no templo o seu ápice, mas ele transparece por várias

passagens dos textos dos Evangelhos, a proclamação do reino de Deus, é um aviso muito mais para a elite religiosa do que para o povo, pois um é o explorado e outro o explorador. Segundo Bultmann,

> "Tendo esse pano de fundo, a *proclamação da vontade de Deus por parte de Jesus aparece como grande* protesto. Nela se renova o protesto dos grandes profetas veterotestamentários contra a veneração cultica de Deus em seu templo sob condições modificada. Enquanto aqueles haviam contraposto à piedade cultual do povo o direito e a justiça como a exigência de Deus, Jesus exige a autêntica obediência radical, em contraposição à obediência formal, que considera, em grande parte, o cumprimento das prescrições rituais como o principal". (2004, p. 50)

Já o relato da cena da purificação do Templo no Evangelho de João, é apresentado um Jesus mais violento, que age com um chicote contra os negociantes. De forma geral é difícil que Jesus sozinho tenha conseguido esvaziar o pátio dos gentios e expulso todos os negociantes. É mais provável que os sinóticos neste espectro sejam mais fidedignos ao acontecimento, partindo do pressuposto que a ação de Jesus tenha sido solitária, ao contrário da afirmação de alguns pesquisadores que pretendem encontrar alguma ligação de Jesus com os zelotes (DUQUESNE, 1995, p. 155).

Jesus demonstra a brutal inversão de valores na interpretação das Escrituras e a opressão que causava aos mais pobres, podemos perceber isso na resposta a questão do sábado: "Deus criou o sábado para o homem, ou o homem para o sábado?", uma pergunta retórica uma vez que nela própria apresentava-se a resposta que calou seus inquisidores. (Mc. 2.23-28)

> "O Senhor, como se depreende, dos evangelhos, considerou e valorizou a Escritura, e a Lei nela contida, como manifestação da vontade de Deus. De fato, ele veio para cumprir a Lei e os Profetas (Mt. 5.17). Ele pode inserir expressamente aos mandamentos do decálogo no estilo de vida, por ele pregado (Mc 10, 17ss) ou compendiá-los em duas palavras da Lei (Dt 6.4ss, Lv 19.18; Mc 12.28-34). Mas, ele reivindica o direito de revelar novamente e de tornar vinculante a vontade de Deus em suas originalidade e profundidade. Por isso Jesus não só rejeita a interpretação judaica (Mc 7.1-23) como também se volta contra a interpretação abusiva (Mc 3.1ss) ou literal (Mc 10.2ss) de uma prescrição." (SCHREINER & DAUTZENBERG, 2008, p. 34)

Desta forma podemos perceber um crescente embate entre o sistema religioso judaico e Jesus, embate esse que fica cada vez mais saliente e tem um dos seus clímax apresentado no relato da chegada de Jesus no templo e o confronto com os negociantes. O templo tinha sua própria moeda, uma vez que as moedas romanas não poderiam entrar no mesmo, e assim o templo tinha o "seu" câmbio. E este dinheiro seria usado para a compra do animal para o sacrifício que todo judeu deveria

providenciar, desta forma, ao redor do templo formava-se um grande comercio religioso que achacava a já pobre bolsa do fiel. Jesus fica claramente escandalizado e age de forma a demonstrar sua revolta com o que estava acontecendo em um local que deveria ser de acolhimento, auxílio e confraternização, principalmente ao mais fragilizado.

> "O templo realizava liturgia esplendorosa, sustentada pelo imposto religioso anual, o dinheiro dos sacrifícios e dos donativos voluntários dos fiéis. Já os profetas denunciaram o culto hipócrita que encobria a injustiça (Is 1,10-17; Jr 7,1-11); Jesus vai além ao denunciar o próprio culto como exploração do povo (Jo 2,16; Mc 11,17 e paralelos). Nunca aparece no evangelho participando das cerimônias do templo; aí vai por ocasião das grandes festas, e para ensinar às multidões que ocorriam da Palestina e do estrangeiro." (MATEOS & CAMACHO, 1992, p. 69)

18 Ora, os principais sacerdotes e os escribas ouviram isto, e procuravam um modo de o matar; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava da sua doutrina. **19** Ao cair da tarde, saíam da cidade.

18 και ηκουσαν οι γραμματεις και οι αρχιερεις και εζητουν πως αυτον απολεσουσιν εφοβουντο γαρ αυτον οτι πας ο οχλος εξεπλησσετο επι τη διδαχη αυτου

A crítica a estrutura do templo começa com João Batista. Seu ministério era totalmente alternativo, e é possível que se opusesse ao templo, ainda se considerar a hipótese de sua origem ser a do grupo dos essênios. Jesus ao aceitar o batismo de João Batista de certa forma alinha-se com esta posição.

> "Jesus encontra no recinto do Templo vendedores de animais de sacrifício e cambistas que serviam originalmente para a preservação de um esquema ordenado de culto. Era impossível que os sacerdotes verificassem cada animal trazido, e também os cambistas realizava uma prestação de serviço, porque segundo Ex 30,11-16, cada judeu (masculino) maior de 20 anos tinha que pagar uma *dracma* dupla como imposto ao Templo. O alcance da purificação do Templo já não pode ser reconstruído em seus pormenores, mas parece que Jesus agiu com violência contra (alguns) vendedores de animais e cambistas. Relacionada a essa ação está uma palavra de ameaça contra o Templo, que forma o cerne de Mc 13,2; "Aqui não ficará pedra sobre pedra que não seja arrancada". [...] Jesus era de opinião de que, diante da presença e da vinda do Reino de Deus, o Templo de Jerusalém tinha perdido sua função como lugar de expiação dos pecados. O domínio do mal está chegando ao fim; por isso, já não se precisa de sacrifícios." (SCHNELLE, 2017, p. 195)

É a partir do escalonamento da crise entre Jesus e o sistema religioso que ocorre a ação derradeira, o planejamento da prisão de Jesus e a sua apresentação frente ao sistema Religioso/Judicial. Qual a acusação formal de Jesus perante o

Sinédrio? A primeira vista era a de blasfémia (HAMM, 2020), claro que o que estava por trás era o medo do confronto e que Jesus de alguma forma representasse a liderança de um movimento que pudesse acabar em alguma agitação ou tumulto que seria um risco para a manutenção da elite religiosa e política, principalmente se este agito resultasse em alguma ação romana.

> O cerne da vida de Jesus e, portanto, do Novo Testamento, é composto dos seguintes fatos: Um mestre galileu do primeiro século, um ex-discípulo de João Batista e mais tarde fundando seu próprio grupo, atrai as massas com sua proclamação de que o reino de Deus está se aproximando rapidamente. Ele passou algum tempo pregando aquela vinda do reino de Deus na Galiléia. Muitas pessoas foram atrás dele não apenas por causa de sua doutrina, mas porque ele também era um curandeiro e um exorcista, como o rabino estranho de sua época. Então ele foi a Jerusalém para completar sua pregação e lá as autoridades o prenderam porque ele perturbou o funcionamento do Templo e previu que Deus o substituiria por um novo. As autoridades o mataram como perigoso para a ordem pública, tanto do ponto de vista das estruturas judaicas quanto romanas. (PIÑERO, 2006, p. 19)

Mas logo percebesse que o julgamento e execução de Jesus pelo Sinédrio poderia apresentar-se como um problema ainda maior, se fosse o estopim de uma revolta, então melhor seria "transferir o problema" para a administração romana, mas a acusação de blasfêmia não significaria nada para a legislação romana.

> "Jesus era uma figura controversa, frequentemente em conflito com elementos da liderança judaica. Com a cumplicidade de alguns deles, Jesus foi executado pelos romanos como um desordeiro político em potencial. Entre a morte de Jesus, no ano 30, e a escrita do mais antigo documento cristão existente, em 50 d,C, os seguidores de Jesus foram enredados em vários conflitos que assumiram formato de movimento. A partir de nossa perspectiva atual, podemos distinguir entre (1) conflitos políticos e seculares entre os primeiros cristãos e as autoridades romanas, e (2) conflitos religiosos de dois tipos: (a) conflitos externos entre cristãos e judeus e (b) conflitos internos entre os próprios cristãos". (BORING, 2015, p. 294)

Desta forma o se encerra a cena no templo, com a indicação do propósito daqueles aos quais Jesus se opunha, com a intenção de matá-lo. Esta narrativa tenta demonstrar o risco que as alegações de Jesus poderiam acarretar. Mesmo que estas palavras não tenham ocorrido da maneira descrita, podemos compreender a mensagem geral do receio de uma ação popular pelo discurso de Jesus. O texto coloca Jesus no centro da ação, mas é pouco provável que estivesse só, e pode ser possível que outros discípulos também tenham participado de desta ação mais violenta? De qualquer forma sabemos que o desenrolar dos acontecimentos acabam com atrama para prender Jesus e efetivamente com sua crucificação.

Jesus no Templo, purificação ou destruição?

Conforme podemos perceber o discurso de Jesus no Templo é de purificação, para que o templo volte a sua finalidade verdadeira, conforme o versículo 17 deixa claro, " e ensinava, dizendo-lhes: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes feito covil de salteadores". Assim como a posição da comunidade de Qumran a questão não é a destruição ou a invalidade do templo, mas sua manutenção a partir de uma renovação espiritual, um retorno a função original do Templo. Mas as semelhanças entre o discurso Qunramita e de Jesus terminam neste ponto, pois se a crítica de Jesus não vai além do resgate da função primordial do templo, os escritos teológicos de Qunram questionam tanto a forma cultica quanto a legitimidade da linhagem sacerdotal. Outra diferença gritante em relação ao pensamento da comunidade de Qunram, é que a mensagem de Jesus é extremamente inclusivista, ao contrário da teologia da maioria dos segmentos judeus que são exclusivistas, inclusive Qumran, pois para a comunidade de Qumran o templo tinha uma posição central, mesmo com o Advento do Reino, a crítica era relaciona a ilegitimidade dos sacerdote e da forma de culto. No discurso de Jesus, ou na sua interpretação posterior, parece que a concepção é que com o advento do Reino o templo (qualquer tipo de templo) seria desnecessário. Isto afasta as concepções teológica de Jesus da comunidade Qumran, e fica bem refletida no próprio cristianismo pós Jesus em que os discípulos também se afastam do templo, e da estrutura religiosa judaica. (MULHOLLAND, 1999, p. 174)

Porém esta concepção pode ser uma inserção posterior com o desenvolvimento da teologia cristã, pois tudo leva a crer que no início do movimento cristão os seguidores e discípulos somente mais tarde se afastam do templo, neste primeiro momento ainda permanece ligados ao Templo, como salienta Gutierrez, "O caráter judaico contínuo dos primeiros seguidores de Jesus é estabelecido em Atos. Os primeiros seguidores de Jesus continuaram sua associação e devoção ao Templo". (2018, p. 54), afirmação com a qual Piñero,

> Dois outros episódios apontam para uma consciência messiânica de Jesus. Em primeiro lugar, o da chamada "purificação" do Templo (Mc 11,15-19 par). Representante de Deus nos momentos finais, com autoridade superior à dos corruptos sacerdotes saduceus, Jesus se coloca como defensor do culto autêntico daquele lugar sagrado e zeloso observador do espírito da Lei. Esta tremenda cena, junto com os ditos de Jesus que o acompanham (destruição do Templo e sua reconstrução por Deus), são difíceis de interpretar. É bem provável que Jesus tenha realizado um ato simbólico (como outros profetas até mesmo de sua época), pois sabia perfeitamente que para cumprir sua

> função principal, os sacrifícios, o Templo precisava necessariamente de uma estrutura econômica e comercial em seu ambiente. Jesus se coloca em outro plano, o do reino de Deus, em que o comercial não conta. O futuro Templo será absolutamente limpo e puro, feito pela mão de Deus. (2006, p. 199)

Pelo que foi apresentado até o presente momento podemos concluir que o objetivo de Jesus não era invalidar o Templo como instituição, ao contrário pela importância religiosa que o mesmo tinha era preciso que esta instituição fosse resgatada e voltasse ao que seria o seu objetivo inicial. A crítica era a disfunção a qual o Templo estava servindo, que era resultado de uma estrutura religiosa no mínimo equivocada. Desta forma a crítica não era quanto ao templo e sim quanto as interpretações religiosas dos grupos religiosos de Israel.

Considerações Finais.

Como pudemos ver o período de ação de Jesus se dá em um momento de crise, crise judaica de opressão estrangeira e de opressão interna, em uma sociedade extremamente segmentada. Neste cenário a religião tem um papel fundamental, principalmente em uma sociedade como a de Israel, fundamentada na observação da Lei e na estrutura do Templo. E é em decorrência desta característica que várias linhas de interpretação teológica se desenvolvem e convivem, alguns com maior relevância e poder, outros que ficam a margem deste circuito, este é o caso de João Batista e dos essênios. A comunidade de Qumran surge como um destes grupos que de forma mais radical se opõe a estrutura cultica e sacerdotal, e por não concordarem com o que seria a perversão dos mandamentos divinos se afastam, isolando-se para não se contaminarem. No decorrer deste artigo foi apresentado a importância do Templo para a sociedade judaica, tanto no aspecto religioso, quanto econômico principalmente para a cidade de Jerusalém, de certa maneira a ordem social, e política estava atrelada ao Templo e a sua organização religiosa e a administração romana tinha consciência disso. Qualquer subversão judaica teria como pano de fundo o elemento religioso, por isso Roma evitava qualquer ação que pudesse causar uma afronta religiosa aos preceitos judaicos. A comunidade de Qunram, apesar de ter um conceito apocalíptico da ação de Deus em conjunto com a humana para restabelecer Israel não se apresentava como um elemento que pudesse causar algum tipo de desequilíbrio nesta balança. Já a posição de Jesus com sua peregrinação e posteriormente suas incursões em Jerusalém já se apresentava com algum potencial mais explosivo. Apesar disto o discurso de Jesus não incitava, pelo menos não

diretamente, uma ação real contra as estruturas político-religiosa, contudo ainda assim bastante crítica e inflamada, com base na futura justiça divina. É neste cenário que ocorre a purificação do Templo aqui apresentada, onde pode-se perceber o discurso de Jesus contra a forma como a condução religiosa da nação está ocorrendo.

Fica evidente que em nenhum momento há uma tentativa de desqualificar a importância do Templo ou sua relevância religiosa, mas sim contra as lideranças religiosas que conduzem tanto a administração do templo, quanto a sua compreensão religiosa do mesmo.

Observando a posição de Jesus com relação ao templo podemos compreender que de forma geral não há uma aproximação teológica entre Jesus e a comunidade dos essênicos/Qunram. As críticas de Jesus destoam das implicações teológicas dos essênios da comunidade Qunramita. Enquanto em Jesus podemos dizer que a crítica é com a essência da forma como o Templo está sendo usado a da comunidade Qunramita era da forma como culto do Templo estava sendo realizado e com a própria sucessão Sacerdotal do mesmo. Não podemos observar qualquer tipo de critica de Jesus nestes termos. Desta forma não se pode observar qualquer tipo de influência da comunidade de Qunram com relação ao templo nas ações e discursos de Jesus.

Cabe ressaltar que este artigo ainda é uma avaliação inicial cabendo em trabalhos posteriores aprofundar nos textos encontrados nas escavações no Mar Morto, no local onde se encontrava a comunidade de Qunram as passagens relacionadas ao templo e contrapor as passagens do discurso de Jesus nos evangelhos para aprofundar esta discussão.

REFERÊNCIAS

BLOMBERG, G. L. (2009). **Jesus e os Evangelhos - Uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos.** São Paulo: Vida Nova.

BOCCACCINI, G. (2010). **Além da Hipótese Essênia - A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico**. São Paulo: Paulus.

BORING, M. E. (2015). **Introdução ao Novo Testamento - História, Literatura e Teologia.** São Paulo: Paulus.

BULTMANN, R. (2004). **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Teológica.

CULLMANN, O. (2004). **Das Origens do Evangelho - A Formação da Teologia Cristã**. São Paulo: Fonte Editorial.

DUQUESNE, J. (1995). **Jesus - A verdadeira história.** São Paulo: Geração Editorial.

GUTIERREZ, J. m. (2018). **Los judaísmos de los seguidores de Jesús.** Grand Prairie: Yaron Publishing.

HAMM, M. (03 de 06 de 2020). **O Julgamento de Jesus - Ilegalidades Processuais nos Direitos Romano e Hebreu.** Fonte: Jusbrasil: https://marihamm.jusbrasil.com.br/artigos/196386015/o-julgamento-de-jesus

Acessado em: 25/04/2021

JOSEFO, F. (1990). **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD.

MARTINEZ, F. G. (1993). **Textos de Qumran**. Madri : Editorial Trotta, S.A.

MATEOS, J., & CAMACHO, F. (1992). **Jesus e a sociedade de seu tempo**. São Paulo: Paulus.

MATEOS, J., & CAMACHO, F. (1992). **Jesus e a sociedade de seu tempo**. São Paulo: Paulus.

MEEKS, W. A. (1996). **O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos**. São Paulo: Paulus.

MULHOLLAND, D. M. (1999). **Marcos - Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova.

PIÑERO, A. (2006). **Guia para entender el Nuevo Testamento**. Madrid: Trotta.

ROITMAN, A. D. (2016). **Del Tabernáculo al Templo - Sobre el espacio sagrado en el judaísmo antigo**. Espanha: Verbo Divino.

SAULNIER, C., & ROLLAND, B. (2002). **A palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus.

SCHNELLE, U. (2017). **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Acadêmia Cristã / Paulus.

SCHREINER, J., & DAUTZENBERG, G. (2008). **Forma e Exigências do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos.

STAMBAUCH, J. E., & BALCH, D. L. (1996). **O Novo Testamento em seu ambiente social.** São Paulo: Paulus.